

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Renan Ribeiro Ferreira

**A ALMA EM PLATÃO: COMENTÁRIOS SOBRE O CONCEITO DE IMORTALIDADE DA
ALMA E SUA RELAÇÃO COM O CORPO.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).

Orientador: Prof. Dr. Luciano Caldas Camerino.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **RENAN RIBEIRO FERREIRA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201473143A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A ALMA EM PLATÃO: COMENTÁRIOS SOBRE O CONCEITO DE IMORTALIDADE DA ALMA E SUA RELAÇÃO COM O CORPO**, desenvolvido durante o período de 05/03/2018 a 29/06/2018 sob a orientação de LUCIANO CALDAS CAMERINO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, _____ de _____ de _____.

Renan Ribeiro Ferreira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A ALMA EM PLATÃO: COMENTÁRIOS SOBRE O CONCEITO DE IMORTALIDADE DA ALMA E SUA RELAÇÃO COM O CORPO.

Renan Ribeiro Ferreira¹

RESUMO: O presente artigo procura expor como se apresenta na filosofia Platônica, a problemática da relação entre alma e corpo, seguido de como eles se relacionam em meio ao homem; em primeiro lugar mostrando como o debate se deu origem na Grécia e seguiu sua trajetória de pensamento questionando as definições até então dogmáticas sobre o tema. O texto é fundamentado em diálogos Platônicos: Fédon, Fédro, Timeu e República para reforçar suas teorias acerca da imortalidade da alma destacando diferentes aspectos entre o sensível e o inteligível, contando com auxílio dos comentários da grande obra de Giovanni Reale: Corpo, alma e saúde: O conceito de homem de Homero a Platão, e finalmente apresentar a relação do eterno com o mortal, abordando aspectos levantados por Sócrates, no momento próximo de sua morte por condenação, diante de seus discípulos que o questionam no fim, sobre a ideia de imortalidade da alma.

PALAVRAS-CHAVE: Alma, Imortalidade, Corpo, Contrários, Platão.

1- INTRODUÇÃO

As questões acerca da existência da alma estiveram presentes em discussões filosóficas e debates religiosos durante toda a história do homem, podendo sobretudo, modificar todo o sistema de crenças de uma sociedade, por se tratar de um conceito fortemente relacionado com aspectos de grande valor para a humanidade, a vida, a morte e a eternidade na essência do ser. Com a evolução do pensamento coletivo, a busca pela verdade e pela origem das coisas se tornou uma constante entre os pensadores antigos, os chamados pré-socráticos buscando fundamentar um conceito, inicialmente representados pelo pensamento do filósofo grego Tales, que deu origem à busca pela 'psyche' e nos acompanhou percorrendo todo o caminho até a metafísica moderna.

Essa problemática sobre a existência da alma, foi também fortemente levantada por Pitágoras, quando se passou por uma grande mudança de paradigma. O então filósofo matemático sofreu forte influência da cultura egípcia, e adquiriu grande conhecimento de uma civilização antiga e detentora de grandes mistérios e cultos, que o podem ter inspirado a liderar uma escola de iniciados ao mistério e abordar o pensamento acerca da alma, relacionando o mesmo com a busca pela razão e pela ordem sob um conjunto de regras disciplinares, através do uso da matemática e geometria, Pitágoras buscava responder a questão sobre a natureza da alma. Este pensamento foi retomado posteriormente com riqueza em Sócrates, no qual nos aprofundaremos no primeiro capítulo, apresentando ênfase na razão como elemento de enriquecimento da essência humana e o conhecimento como ferramenta para alcançar a razão, após a sua morte, esse pensamento foi se popularizando entre as escolas de filosofia de seus discípulos, logo dando origem a diversas correntes filosóficas.

Trataremos neste artigo, uma breve passagem sobre o pensamento de Platão a respeito da problemática da alma e sua relação com o corpo na evolução humana, do mundo das ideias onde se encontram as almas e formas perfeitas do universo, e finalmente da imortalidade do ser representada pela transmigração da alma. Para isso, usaremos como referência, dois grandes diálogos do autor, escritos em sua fase avançada de vida: Fédon e a República. Utilizaremos também os comentários de Giovanni Reale, em sua grande obra: Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão, na qual o autor levanta a temática com notável clareza e conceitos bastante precisos sobre a evolução do pensamento do homem sobre aspectos mitológicos e racionais da nossa existência.

O texto a seguir será dividido em três partes, a primeira delas contendo a conceituação

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Luciano Caldas Camerino.

histórica do tema, analisando brevemente a influência do pensamento dos filósofos pré socráticos sobre a problemática da alma e qual a sua relação com o corpo, em seguida passando por Sócrates introduzindo a ideia do pensamento racional na busca pela virtude da alma em sua forma mais plena, na segunda parte, apresentaremos aspectos do dualismo existente entre corpo e alma, destacando desta vez a ideia do corpo e sua importância durante a evolução do pensamento platônico, e finalmente abordando sua vinculação com a alma em suas relações, e para concluir, na terceira parte, levantaremos questões acerca da natureza e origem da alma, e as suas possíveis formas sobre a perspectiva do autor.

2- SÓCRATES E O CONCEITO DE ALMA.

O primeiro debate levantando a reflexão filosófica em questão, a alma, partiu da escola de filosofia Jônica, abordando essencialmente o eixo de sustentação do pensamento grego: a origem de todas as coisas, onde Tales inicialmente estabeleceu a origem do universo pela água, o elemento do qual tudo deriva, portanto, podemos atribuir também a ele, a ideia de alma imortal tal como a água esteve e estará presente em toda a história da humanidade. Todas as coisas estão cheias de deuses, tal como a água está presente em tudo que há vida na natureza. Avançando gradualmente com a evolução do pensamento grego, este tema posteriormente é retomado com grandes contribuições de Pitágoras, que através do uso da matemática e da razão como ferramentas necessárias para evolução do ser, apresentou uma nova visão metafísica, modificando os conceitos adotados pela escola Jônica. Acima de tudo estava a sua crença na existência da alma, também acreditava na transmigração das almas dos indivíduos, mesmo entre diferentes espécies, e esta poderia ocorrer em seres mais ou menos evoluídos, podendo se libertar da carne e reencarnar aquele que tivesse uma vida virtuosa, que para Pitágoras consistia em obedecer uma série de preceitos e regras que permitisse viver uma vida disciplinada, método esse aplicado em sua escola de mistérios conhecida como Orfismo, em que os iniciados deviam permanecer em silêncio nos primeiros anos, frequentar os cultos usando a cor branca, e finalmente não ingerir certos tipos de alimentos como a carne por exemplo, seguido de outros ritos adotados pelo mestre na busca pela disciplina e de uma vida regrada e dotada de atributos espirituais.

A transformação definitiva do conceito de 'psyche' foi apresentada mais tarde por Sócrates, quando a concepção sobre a alma fora se tornando individual e interno, partindo da importância do autoconhecimento para alcançar a verdade do mundo e a realidade de todas as outras coisas, Sócrates impôs a identificação da alma com a personalidade intelectual e moral do homem. O seu compromisso com uma terapêutica da alma humana faz dele um homem do mundo, mas que ao mesmo tempo está fora dele, porque transcende os homens e as coisas dos homens por sua exigência moral e pelo empenho que esta implica. É só se misturando aos homens e às coisas, no cotidiano que se pode compreender a verdadeira filosofia, e Sócrates foi o primeiro a mostrar que, em todos os tempos e em todos os lugares, em tudo o que nos chega e em tudo o que fazemos, a vida cotidiana dá a possibilidade de reflexões sobre a própria existência, questões sobre certo e errado, e demonstrar a importância de questões éticas no mundo.

"O que se impõe para o desenvolvimento de uma moralidade e de uma religião espiritual é que a insistência órfica sobre a suprema importância do preocupar-se com os interesses da 'psyche', seja ligada com a identificação dessa 'psyche' altamente preciosa com a sede da inteligência normal e com caráter individual. Este é precisamente o passo à frente que se realiza na doutrina da alma professada por Sócrates tanto em Platão como em Xenofonte" [...]damos conta de que esses, como nos outros socráticos, sempre põem na palavra 'alma' uma ênfase surpreendente, uma paixão insinuante e como que um juramento [...]. A palavra alma, pelas suas origens na história do espírito, tem sempre para nós uma conotação de valor ético ou religioso. Tem um tom cristão [...]." (REALE, CORPO, ALMA E SAÚDE)

Durante a antiguidade grega, havia uma forte crença nos mitos, que em relação à morte afirmam que as almas que se separavam dos corpos encaminhavam-se diretamente ao Hades, e, havia também a crença de que essas almas renasciam depois no mundo dos vivos, e ao morrer voltavam para o Hades, e assim sucessivamente. Sócrates vai partir deste princípio como argumento inicial, explicando que, se as almas dos vivos nasceram das almas dos mortos, elas terão necessariamente que retornarem para o lugar de onde vieram. Para ele, a alma se apresenta sobretudo, como uma substância específica

imaterial, não composta e essencialmente distinta do corpo material. Evidentemente, se a essência do homem é a sua alma, cuidar de si mesmo significa cuidar da própria alma mais do que do corpo, e com isso, não se pode afirmar que o homem é o seu corpo, mas que o seu corpo serve ao homem, portanto é a sua alma que o diferencia de qualquer outra coisa, dando-lhe, uma personalidade única. Aquilo que se serve do corpo, para Sócrates, é a alma, e, com isso, ele conclui que é a alma que ordena o homem ao conhecimento e o adverte a conhecer sobre as coisas do mundo, e, sobretudo, a si mesmo. Sócrates prossegue deste modo, defendendo a sobrevivência da alma: se tudo o que é ordem no mundo dos vivos voltasse para o caos, se não existisse um lugar também ordenado para a morte, então morrer significaria perder tudo o que há em consciência presente no ser.

” Mas purificação não é justamente o que diz a tradição antiga? Separar o mais possível a alma do corpo, habituá-la a recolher-se e a fechar em si mesma, alheia a qualquer elemento corpóreo, e a permanecer, tanto quanto possível, tanto na vida presente como na futura, só, inteiramente desligada do corpo como de suas cadeias?

_é isso, precisamente.

_E não é verdade que o sentido da palavra “morte” é o de que uma alma foi separada e posta à parte de um corpo?

_exatamente.

_E dessa separação, como dizíamos, os que mais cuidam, e os únicos a fazê-los, são os filósofos, no sentido verdadeiro do termo: o próprio objeto do exercício dos que filosofam é mesmo destacar a alma e pô-la à parte do corpo. Não é?

_É claro.” (FÉDON, PLATÃO)

Podemos concluir que a questão sobre o que é a essência do homem, sua natureza e realidade última para Sócrates, que o homem é a sua alma e a entende como razão e sede da atividade pensante e, por meio desta, o homem age eticamente na sociedade, sendo assim, o consciente onde habita a virtude. Se o homem se distingue pela sua alma e se alma é o eu consciente e inteligente, então a virtude, ou seja, aquilo que atualiza plenamente essa consciência e inteligência não pode ser senão a ciência e o conhecimento. O valor supremo para os homens é, portanto, o conhecimento, uma vez que é justamente o conhecimento que faz a alma ser do modo como deve ser e, por isso, realiza o homem, cuja essência é a alma. No Fédon, o corpo é colocado de forma amplamente negativa, ele apresenta vaidades, paixões e os medos como legítimos impedimentos à alma, no que se refere à vida moral já que o corpo é dotado dos sentidos, o homem, para conhecer a si próprio, deve se libertar das paixões e dos sentidos, ou seja, separar a alma do corpo, e apenas a morte é capaz de operar, de modo total, essa separação. Se a morte dá origem à vida, ela existe no Hades, e como o contrário de morrer é estar vivo, então a morte implica em "reviver", que é a geração dos mortos para os vivos, ou seja se há um lugar para os vivos, logo deve haver sobretudo, um lugar para a força contrária, os mortos.

"Eis, pois, o que devemos examinar: será que necessariamente, em todos os casos em que existe um contrário, este não nasce de outra coisa que não seja o seu próprio contrário? Exemplo: quando uma coisa se torna maior, não é necessário que anteriormente ela tenha sido menor, para em seguida se tornar maior? (PLATÃO, Fédon, p.127)

Na próxima etapa abordaremos o pensamento Platônico sobre a Dualidade presente entre o corpo e a alma, expondo inicialmente a ideia do autor a respeito do corpo, que já foi considerado o templo da alma e do intelecto humano, e também um obstáculo do homem em sua busca pelo conhecimento e racionalidade.

3- O CORPO E ALMA EM PLATÃO.

Apesar de toda contribuição filosófica gerada pelos pensadores Pré-Socráticos, com Sócrates a respeito do debate sobre a imortalidade e transmigração da alma, abre-se um novo paradigma do pensamento filosófico: O Corpo. Do mesmo modo em que o conceito e definições à cerca da alma já

foram levantadas e discutidas em diferentes períodos históricos de nossa existência, a concepção ideal do corpo e diversas abordagens sobre esse tema foram também levantadas por muitos pensadores da filosofia grega, iniciando em Homero o debate sobre o corpo, se dotado de alma, ou seja vivo, ou um corpo sem a presença de uma essência interior, que já havia partido daquele corpo e mudado de plano. Partindo então desse pensamento, abordaremos o paradigma platônico sendo "o homem em duas dimensões: a concepção do corpo em antítese ontológica com a alma".

Platão inicialmente em sua obra assumiu posições equilibradas diante da questão, considerando natural a conjugação da alma com o corpo, e destacando o essencial cuidado com o mesmo, não só proporcionando grande importância às atividades que atuam como seu suporte, como ginástica e desenvolvimento de técnicas na medicina, atribuindo ao corpo grande importância na evolução do ser atuando em vida como o templo da alma, em um equilíbrio perfeito como ferramenta para alcançar a racionalidade. Essa reflexão platônica perdurou com o debate entre os gregos e as experiências sensíveis proporcionaram novas abordagens sobre o tema, sobretudo pelo processo de desapego da matéria em que Sócrates se encontrava diante do enfrentamento da morte.

No Fédon, Platão recorre a um discurso inspirado nas teses do Orfismo, modificando assim sua teoria sobre o conceito e a relevância do corpo para o ser, alegando que a alma está no corpo como em uma prisão, destacando nitidamente o aspecto negativo do corpo, afirmando sistematicamente que os sentidos são um impedimento à alma no que se refere tanto à vida moral quanto à vida cognoscitiva; o corpo é apresentado então como fonte de paixões, de medos, da vaidade, conseqüentemente sendo a causa de guerras segundo Platão, no entanto, parece contraditória essa desvalorização do corpo, se sabemos o quanto os gregos apreciavam os exercícios físicos, e isso confirma a teoria da superioridade do espírito sobre o corpo, já que "Corpo são em mente são" significa que a educação física rigorosa põe o corpo em situação de saúde plena, permitindo assim que a alma se desprenda dos sentidos para melhor se concentrar na contemplação das ideias.

"E é este então o pensamento que nos guia: durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma estiver misturada com esta coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade. Não somente mil e uma confusões nos são efetivamente suscitadas pelo corpo quando clamam as necessidades da vida, mas ainda somos acometidos pelas doenças. [...] Mas o cúmulo dos cúmulos está em que, quando conseguimos do seu lado obter alguma tranquilidade, para voltar-nos então ao estudo de um objeto qualquer de reflexão, súbito nossos pensamentos são de novo agitados em todos os sentidos por esse intrusão que nos ensurdece, tonteia e desorganiza, ao ponto de tornar-nos incapazes de conhecer a verdade. [...] Se, com efeito, é impossível, enquanto perdura a união com o corpo, obter qualquer conhecimento puro, então de duas uma: ou jamais nos será possível conseguir de nenhum modo a sabedoria, ou a conseguiremos apenas quando estivermos mortos, porque nesse momento a alma, separada do corpo, existirá em si mesma e por si mesma, além disso, por todo tempo que durar nossa vida, estaremos mais próximos do saber, parece-me quando nos afastarmos o mais possível da sociedade e união com o corpo, salvo em situações de necessidade premente, quando, sobretudo, não estivermos mais contaminados por sua natureza, mas pelo contrário, nos acharmos puros de seu contato, e assim até o dia em que o próprio Deus houve desfeito esses laços" (REALE, CORPO ALMA E SAÚDE P.179.)

O filósofo, segundo Platão, tem como principal objetivo a busca pela verdade do universo, e por isso deve tentar se libertar ao máximo do corpo e ir além da dimensão material, levando uma vida guiada pela razão e abstendo-se de prazeres, desejos, dores, e formas de apreensão do mundo consideradas como incertas em sua teoria, ele acreditava que o filósofo deve ser "amante do saber", aquele que busca o desenvolvimento intelectual através da obtenção do conhecimento, e afirma que não podemos alcançar a felicidade quando somos dominados pela paixão, a qual nos conduz à caminhos contraditórios e impulsos irracionais que prejudicam o processo da busca pela virtude natural da alma. Nota-se que o argumento anterior destaca o momento em que alma e corpo se opõem, gerando a necessidade do afastamento de coisas mundanas, já que o excesso de prazer gera perda da percepção e desequilíbrio, causando danos ao próprio corpo e possibilitando que a alma também padeça, perdendo a consciência e a clareza, se torna impossível alcançar a sabedoria. Se não é possível compreender claramente nada sob

o peso do corpo, se torna impossível adquirir a visão real das coisas, ou então essa visão está reservada para depois da morte, pois somente então a alma estará sozinha consigo mesma, separada do corpo.

"A respeito da espécie de alma que em nós é mais importante, é preciso dar-se conta do seguinte, ou seja, que o Deus a deu a cada um como uma espécie de gênio divino. É essa a forma de alma que nós dizemos habitar na parte superior do corpo e que da terra se eleva na direção das realidades que nos são congêneres do céu, enquanto somos plantas não terrenas mas celestes. E o que dissemos é muito justo, de fato, mantendo suspensa com a cabeça a nossa raiz, justamente lá de onde a alma teve sua origem primeira, a divindade torna ereto todo nosso corpo." (REALE, CORPO ALMA E SAÚDE, P.184)

Na tentativa de corroborar ambas as teorias, Platão demonstrou que todos nós sempre estamos em contato com duas realidades simultâneas: uma inteligível e outra sensível. A primeira é permanente, universal, nunca se modifica através das ações, é o mundo das ideias. A segunda, é o mundo que conseguimos perceber por nossos sentidos, o mundo sensível é mutável e contingente, Platão defende que a origem do mundo sensível, este onde vivemos, se deu através de outra dimensão inteligível, um Deus criador, denominado Demiurgo, formulou um mundo sensível tomando como arquétipo um mundo imutável e eterno. A dimensão sensível, apesar de baseada num modelo perfeito, não pôde seguir este modelo fielmente uma vez que era composta de elementos materiais visíveis e tangíveis, passíveis à mudanças.

"Admitamos pois — o que me servirá de ponto de partida e de base — que existe um Belo em si e por si, um Bom, um Grande, e assim por diante. Se admitires a existência dessas coisas, se concordares comigo, esperarei que elas me permitirão tornar-te clara a causa, que assim descobrirás, que faz com que a alma seja imortal.

_Eis o caminho que segui. [...] pouco antes de beber a cicuta, atribuí-lhe explicitamente uma nova linha de resolução de antigos problemas filosóficos e científicos: a doutrina das ideias, coloco em cada caso um princípio, aquele que julgo o mais sólido, e tudo o que parece estar em consonância com ele — quer se trate de causas ou de qualquer outra coisa — admito como verdadeiro, admitindo como falso o que com ele não concorda" (FÉDON, PLATÃO)

Conclui-se, portanto neste capítulo, o debate Platônico correspondente ao corpo, abordando diferentes reflexões filosóficas do autor. Dados os devidos conceitos sobre corpo físico, abre-se deste modo o espaço para novos paradigmas e abordagens alternativas sobre a existência da alma e a sua relação com a eternidade, transmigração da alma em outros corpos e a existência de dois mundos distintos mas que se refletem. O próximo capítulo deste artigo trata-se justamente da temática envolvendo a natureza, estrutura e formas da alma segundo Platão.

4- A NATUREZA E IMORTALIDADE DA ALMA.

Apresentarei neste último capítulo do artigo, como se desenvolveu através da teoria platônica, as ideias referentes à problemática da alma e eternidade, abordando o pensamento do autor sobre a existência de mundos distintos, mas que se complementam diante da evolução do ser, onde somente através da busca do conhecimento sob um processo de recordação, o homem pode lembrar-se das ideias que um dia contemplou. Destacando também aspectos relacionados à teoria dos contrários apresentada no Fédon como argumentação favorável à imortalidade da alma, neste ponto destaca-se o objetivo de mostrar quais as especificações que Platão apresenta sobre a concepção de alma e trazer uma sintética análise sobre o pensador, e as expansões conceituais acerca de suas reflexões. É válido ressaltar, que no Fédon a forma do corpo e alma se relacionarem é abordada de modo complexo em função das diferentes posições que se alternam ao longo dos demais diálogos, mas que propõe o fim do corpo como objetivo e a valorização extrema da alma, que apenas através dela pode-se alcançar a imortalidade.

"Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; com efeito, na posse de bens

é que reside a origem de todas as guerras, e, se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos!” (PLATÃO, 1991, p.119) [...] A razão que atrai as almas para o céu da Verdade é porque somente aí poderiam elas encontrar o alimento capaz de nutri-las e de desenvolver-lhe as asas, aquele que conduza a alma para longe das baixas paixões.” [...] Sendo, então, a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas {que estão} aqui quanto as {que estão} no Hades, enfim, todas as coisas, não há o que não tenha aprendido; de modo que não é de admirar, tanto com respeito à virtude quanto ao demais, ser possível a ela recordar aquelas coisas que já antes conhecia (PLATÃO, MÊNON,)

Neste ponto, o que se discute é a imortalidade da alma, Platão nos apresenta então, a teoria da Recordação ou Reminiscência, na qual descreve presente as formas do pensamento perfeito, fundamentado pela existência do mundo das ideias, afirma que todo o conhecimento é apenas recordação; tal preposição sendo verdadeira, tudo depende da arte de recordar, a qual só é possível se a alma existir em sua eternidade, com isso, a recordação não é total enquanto a alma estiver presa a um corpo, enquanto tal união ocorrer, não há possibilidade de conhecer a coisa em si mesma, gerando a necessidade de abandonar a materialidade, pois apenas a alma libertada do corpo consegue atingir o saber absoluto, portanto, o verdadeiro conhecimento só será possível após a morte, já que a vida produz a ignorância e limitações. O verdadeiro saber pertence à alma libertada, sendo dessa forma o mundo das perfeições, a essência da liberdade está naturalmente na morte, morrer é o grande ideal para alcançar a eternidade.

“E, sem dúvida alguma, ela raciocina melhor precisamente quando nenhum empeco lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer — mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte, quando, rompendo tanto quanto lhe é possível qualquer união, qualquer contato com ele, anseia pelo real?” (PLATÃO, 1991, p.117) “Mas, para sabermos o que ela (a alma) é em sua essência mesma, será preciso contemplá-la não como o fazemos presentemente, deformada pela união com o corpo e com tantas misérias; não: em sua essência purificada, como ela é em si mesma é que devemos contemplá-la.” (PLATÃO, REPÚBLICA).

Entretanto, sua teoria não explicava perfeitamente de que modo as ideias tornam-se efetivas e produtivas no mundo sensível, com isso, Platão buscou relacionar os princípios opostos do ser e do não ser, em que ambos conduzem a conclusões antagônicas. A origem de todas as coisas da natureza se dá através de seus contrários, o maior existe porque conhecemos a noção do menor para comparar, essa força contrária que diferencia o maior e o menor é a força ordenadora agindo através do Cosmos, sem a existência dessa ordem, conceitos abstratos se misturariam em um emaranhado de coisas e alcançando um conjunto de ideias caóticas, essa seria a lei geral da natureza que possibilitaria o movimento e a dinâmica da realidade, o pequeno e o grande se mantêm em relação, de modo que pensamos nos objetos grandes em contraste com os objetos pequenos, como destacou Sócrates no Fédon:

“(…) _quando um objeto se torna maior, não será forçosamente a partir de um estado anterior de pequenez que depois passa a maior?
_Sim.
_Admitamos que se torna menor: não será ainda a partir de um estado anterior de grandeza que se torna menor?
_Exacto – respondeu.
_E não é também do mais forte que se origina do mais fraco, tao como o mais rápido, do mais lento?
_Decerto.
_Que tal? Quando uma coisa se torna pior, não é porque antes era melhor, ou quando se torna mais justa, porque antes era mais injusta?
_Que dúvida!
_Bastam, portanto, estes exemplos para concluirmos que todo e qualquer acto de geração se processa dos contrários para os contrários...” (PLATÃO, FÉDON)

Sócrates, como destacado no diálogo acima, fundamenta a teoria dos contrários através das proporções para que haja equilíbrio cósmico, contudo, as afirmações anteriores referentes à teoria da reminiscência, corroborada com a ideia dos contrários ainda deixaram questionamentos de seus discípulos sobre a imortalidade da alma, a problemática da origem da alma explicada por esses princípios acarretaram novas perguntas relativas às teorias anteriores, e indagações de como pode se existir vida através da morte, e morte através da vida já que a origem de todas as coisas se dá pelos seus contrários, questionam-se também qual a origem das almas, e se há possibilidade de novas almas passarem a habitar o nosso plano por meio do ciclo de reencarnação. Diante de novas abordagens, o filósofo demonstra que o que daria origem à vida seria o seu contrário, a morte, para Sócrates, estar morto provém de estar vivo, e estar vivo provém de estar morto, esses dois estados, vida e morte, se engendram um ao outro. É a dupla geração da teoria dos contrários:

"Ora, examinemos a questão por este lado: é, em suma, no Hades que estão as almas dos defuntos, ou não? Pois, conforme diz uma antiga tradição nossa conhecida, lá se encontram as almas dos que se foram daqui, e elas novamente, insisto, para cá voltam e renascem dos mortos. E se assim é, se dos mortos nascem os vivos, que podemos admitir senão que nossas almas devem mesmo estar lá? Sem dúvida, não poderia haver novo nascimento para almas que já não tivessem existência, e para provar esta existência bastaria tornar manifesto que os vivos não nascem senão dos mortos. Mas se as coisas não se passarem assim, então algum outro argumento será necessário.

— Isso é absolutamente certo — disse Cebes [...]

— Por conseguinte — continuou Sócrates — um a vez que "reviver" existe, não se poderá dizer que o que constitui a geração dos mortos para os vivos é precisamente "reviver"?

— Evidentemente." (PLATÃO, FÉDON)

Para concluir os argumentos sobre a imortalidade da alma, Platão corrobora ambas suas teorias, dos contrários e reminiscência, nos apresentando a teoria da Semelhança, mesmo com as explicações anteriores de que a concepção da vida gerar morte e vice-versa tendo sido aceitas pelos discípulos, abordou-se então, a questão sobre o que gera a alma. É eterna e circula pelos dois mundos entre as gerações ou seria gerada em algum momento antes de unir-se com o corpo? A partir da teoria da semelhança, Platão nos diz que, por analogia, a alma se assemelha às coisas eternas, imortais e divinas, enquanto o corpo é composto, e corruptível, e mortal.

"Portanto, as almas que conseguem tornar-se semelhantes aos Deuses dos quais são seguidoras e que contemplaram algumas das Verdades, permanecem ilesas até o próximo giro, e obviamente, se conseguem fazer isso sempre, permanecem imunes para sempre. Se ao contrário, por alguma razão não conseguem seguir o deus, esquecem a Verdade, caem sobre a terra e se encarnam em algum corpo." (REALE, CORPO ALMA E SAÚDE P. 200)

Para o filósofo, quando a alma se encontra em seu estado perfeito, ela é dotada de asas e tem a habilidade de circular pelo mundo das ideias contemplando as coisas em suas formas reais, porém, se a alma em questão perder as asas, é direcionada novamente ao mundo sensível, retomando o ciclo da reencarnação, sendo através da racionalidade o meio de retornar as asas como atributo da alma, cabe assim ao homem pensador um certo esforço para com os seus atos no mundo sensível para que a alma contemple da verdadeira sabedoria.

"Dize-me então: os seres que sempre se conservam imutáveis e sempre se comportam do mesmo modo, não é altamente verossímil que sejam esses precisamente os seres que não se decompõem? Ao contrário, o que jamais é o mesmo, o que ora se comporta de um modo, ora de outro, é ou não é isso o que chamamos composto? _segundo penso, é." [...] — "Assim, pois, a uns podes tocar, ver ou perceber por intermédio dos sentidos; mas quanto aos outros, os seres que conservam sua identidade, não existe para ti nenhum outro meio de captá-los senão o pensamento refletido, pois que os seres desse gênero são invisíveis e subtraídos à visão? _Nada mais certo! " [...] — Ora, se tal é o seu estado, é para o que se lhe assemelha que

ela (a alma) se dirige, para o que é invisível, para o que é divino, imortal e sábio; é para o lugar onde sua chegada importa para ela na posse da felicidade, onde divagação, irracionalidade, terrores, amores tirânicos e todos os outros males da condição humana cessam de lhe estar ligados, e onde, como se diz dos que receberam a iniciação, ela passa na companhia dos Deuses o resto do seu tempo! É deste modo, Cebes, que devemos falar, ou cumpre-nos procurar outro? — Esse mesmo, por Zeus!" (PLATÃO, FÉDON)

Podemos concluir diante dos argumentos apresentados por Sócrates, que finalmente os discípulos se convenceram diante das ideias de seu mestre de que a alma é a verdadeira essência do ser e que nela se encontra nossa verdadeira forma e atributos divinos, no entanto, a capacidade humana de alcançar a verdadeira sabedoria da alma se limita diante da nossa experiência sensível tornando deste modo impossível a transação do ser no mundo das ideias a fim de contemplar as verdadeiras coisas da alma. Com isso, a atenção e constante vigilância do filósofo para com as coisas do mundo é algo crucial para que através da razão e da justiça seja possível se aproximar cada vez mais do divino em vida, para que as ideias contempladas estejam livres de impurezas do corpo, que representam imperfeições na alma de acordo com os contrários, que nos afastam da evolução pessoal, da busca pelo verdadeiro conhecimento e do encontro com a eternidade.

Com isso, finalizo afirmando que o filósofo vive a sua vida em treinamento constante para a morte, em seu pensar, essa é única esperança da purificação total, dada através da separação total do corpo e da alma, resultando assim no estado puro do ser, onde as informações recebidas não são corrompidas através dos sentidos falhos do empirismo no qual nos submetemos durante toda a vida no mundo sensível. No pensamento platônico, ocorre esse questionamento inédito de como se encara vida e a morte, já que o homem é livre para decidir seu destino, toma-se a ideia de que os deuses não interferiam na história dos homens, o que gerou tamanha liberdade perante a escolha do próprio destino, esse fato contribuiu efetivamente para a formação do pensamento filosófico ao decorrer da história, gerando incontáveis abordagens sobre essa problemática em diferentes períodos de nossa civilização. Não encerrando por aí, a filosofia platônica sobre a imortalidade da alma, inspirou também estudos teológicos em diversas épocas, e levou grandes pensadores como Santo Agostinho a dedicar longos trabalhos na compreensão do pensamento grego, posteriormente adaptados à princípios éticos e cristãos, levando à reformulação do pensamento religioso ocidental representado pela igreja Católica com sua imortalidade da alma, mais tarde, as obras do filósofo novamente serviriam de base para a criação de uma nova religião, representada pelo "Evangelho segundo o Espiritismo" de Allan Kardec, o qual a transmigração da alma e a teoria da reminiscência são fortemente abordados pelos adeptos até os presentes dias.

"Lá também existem lugares sagrados e templos, nos quais os deuses efetivamente residem; e vozes, e profecias, mediante as quais os deuses se tornam sensíveis a eles; desse modo, entram em contato com as divindades, face a face. E o sol, a lua e os demais astros são contemplados por esses homens, tais como verdadeiramente são em si mesmos. A esses privilégios se junta uma felicidade que lhes é acompanhamento natural" (PLATÃO, FÉDON)

Diante desses aspectos, podemos afirmar, finalmente, a notável influência do pensador ao decorrer de toda a história e em diferentes áreas do conhecimento, e como a sua filosofia perdurou-se no tempo e ainda é perpetuada frequentemente em nossa sociedade através de escolas, igrejas e faculdades, se analisarmos todo o cenário histórico e filosófico do mundo, podemos seguramente afirmar que suas ideias ainda circularão por muitas gerações, e apresentando a mesma liberdade individual em todas essas gerações, do poder de escolha entre alcançar a eternidade através da razão pura ou se entregar periodicamente às coisas do mundo e adequar-se no eterno ciclo encarnatório imposto pelo equilíbrio do Demiurgo, Sócrates, optou por partir do mundo sensível com a convicção de seus atos justos em vida, em troca de abdicar de toda sua racionalidade e renunciar de sua crença, deste modo, levando consigo para o outro mundo, toda carga de conhecimento e virtude colecionadas em vida, o que lhe garante, segundo o próprio autor, uma passagem segura para a felicidade e eternidade da alma.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

REALE, Giovanni. **CORPO, ALMA E SAÚDE**: O conceito de homem de Homero a Platão. São Paulo: ed Paulus 2002

PLATÃO: **FÉDON**: Diálogo sobre a alma e a morte de Sócrates. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

PLATÃO: **FEDRO**. 19 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. (Diálogos)

PLATÃO. **A REPÚBLICA**. 7. ed. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

PAULO, Margarida Nichele: **INDAGAÇÃO SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA EM PLATÃO**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

PLATÃO: **TIMEU**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará: Universidade Federal do Pará, 1977.

CUNHA, Regina Barros: **PLATÃO E A ALMA**: Curso de especialização em Filosofia Antiga. PUC RIO, 2015.